



Simone de Beauvoir: caminhos para a emancipação

Simone de Beauvoir: chemins de l'émancipation

Annabelle Bonnet ¹

Resumo: O presente ensaio busca a partir do romance biográfico recém-publicado *As inseparáveis* de Simone de Beauvoir, discorrer sobre as relações entre sua trajetória intelectual, seu caminho pessoal e a formação do seu pensamento filosófico e feminista. Partimos da pergunta que atravessa em filigranas o romance inteiro: afinal, por que Simone de Beauvoir sobreviveu à opressão contra as mulheres do seu tempo, se emancipou do seu meio social burguês conservador e se realizou intelectualmente, enquanto sua amiga, “Zaza”, não se libertou? Procuramos, para esses fins, entrecruzar o percurso da juventude da pensadora (momento de sua vida no qual o romance foca), suas escolhas profissionais, bem como seu processo de apropriação e de compreensão da questão da opressão específica às mulheres na sociedade burguesa – atravessada pela crise do liberalismo do início do século XX.

Palavras-chave

Beauvoir, Liberdade Feminina, *As inseparáveis*.

Résumé: Le présent essai cherche, à partir du roman biographique récemment publié *Les inséparables* de Simone de Beauvoir, à discuter des relations entre sa trajectoire intellectuelle, son cheminement personnel et la formation de sa pensée philosophique et féministe. Partons de la question qui traverse en filigrane le roman: pourquoi Simone de Beauvoir a-t-elle survécu à l'oppression contre les femmes de son temps, s'est-elle émancipée de son milieu social bourgeois conservateur et s'est-elle réalisée intellectuellement, tandis que son amie, « Zaza », ne s'est pas, elle, libérée ? Nous chercherons, afin d'explorer ce questionnement, à entrecroiser à la fois le parcours de jeunesse de l'intellectuelle (moment de sa vie sur lequel le roman se concentre), ses choix professionnels, mais aussi son processus d'appropriation et de compréhension de la question de l'oppression spécifique des femmes dans la société bourgeoise – traversée par la crise du libéralisme du début du XXème siècle.

Mots clés

Beauvoir, Liberté Féminine, *Las Inséparables*.

¹ Annabelle Bonnet. Pesquisadora Associada da EHESS, Paris. Professora colaboradora do departamento de filosofia da UFES (DFIL-UFES). Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS-UFES). Especialista nos temas “mulheres na filosofia”, “história dos movimentos feministas” e “sociologia do gênero”. E-mail: annabelle.bonnet7@orange.fr

“Comemorar uma grande figura, como Simone de Beauvoir, não é uma questão de herança ou de transmissão no quadro de uma história das mulheres, ainda frágil, muito pouca legítima. Trata-se, mais seguramente, de descobrir a possibilidade de uma apropriação; não se trata de receber, mas sim de se apropriar”. (Geneviève Fraisse, *Le privilège de Simone de Beauvoir*, Paris: Folio Essais, 2008.)

Numerosos são os estudos que exploraram, ao longo das últimas décadas, a trajetória de Simone de Beauvoir. Pesquisas biográficas, literárias, políticas, filosóficas, sociológicas e feministas examinaram sua obra e seu legado na história contemporânea, em diversas áreas do mundo (CHAPERON, 2000; GALSTER, 2004; GUARESI *et al*, 2019).

Enquanto podia se acreditar que o conjunto da sua obra já se encontrava conhecida do domínio público, a publicação, em 2020, de um livro inédito da pensadora, *As inseparáveis* (BEAUVOIR, 2020), veio para oxigenar novas pesquisas. Esse romance biográfico constitui, de fato, uma bela oportunidade de redescobrir a complexidade do seu pensamento e refletir sobre sua trajetória, à luz das ferramentas da sociologia dos intelectuais (NEVES, 2016)², da história das mulheres filósofas e do pensamento feminista francês (BONNET, 2019, 2020).

Tal é o objetivo desse ensaio, que foca, a partir do romance biográfico recém-publicado, nas relações entre sua trajetória intelectual, seu caminho pessoal e a formação do seu pensamento filosófico e feminista. Partimos da pergunta que atravessa em filigranas o romance inteiro: afinal, por que Simone de Beauvoir sobreviveu à opressão contra as mulheres do seu tempo, se emancipou do seu meio social burguês conservador e se realizou intelectualmente, enquanto sua amiga, “Zaza”, não se libertou? Procuramos, para esses fins, entrecruzar o percurso da juventude da pensadora (momento de sua vida no qual o romance foca), suas escolhas profissionais, bem como seu processo de apropriação e de compreensão da questão da opressão específica às mulheres na sociedade burguesa – atravessada pela crise do liberalismo do início do século XX.

Destacamos, com mais ênfase neste itinerário, o papel dos estudos de filosofia no caminho de Simone de Beauvoir, tanto na sua emancipação pessoal e material, quanto na sua teorização da emancipação feminina. Tal ênfase se deve ao fato de que, por muito tempo, e apesar da importância fundamental desses estudos na vida da pensadora, Simone de Beauvoir não foi reconhecida como filósofa no seu próprio país (LE DOEUFF, 1989). De modo geral, os estudos de caráter filosófico sobre sua obra são relativamente recentes (FRAISSE, 2008). Foi preciso aguardar o ano 2021 para encontrar a filósofa nos programas da disciplina de filosofia no ensino médio francês. Nesse contexto, esse ensaio,

² No campo da sociologia do intelectual, esse ensaio foi elaborado a partir de um acúmulo cristalizado na tese de doutorado de Victor Neves. *Democracia e revolução, Um estudo do pensamento de Carlos Nelson Coutinho*. Parte I, Capítulo 2 “O pensamento social: construção ou reflexo da realidade social” e Parte III, “Mediações entre objeto e conceito: a formação das concepções de mundo unitárias e coerentes”, Rio de Janeiro, 2016. As aplicações dessas reflexões se encontram também em Neves (2019).

ao se interessar por essa dimensão da obra, procura também poder contribuir com seu reconhecimento na história da filosofia francesa contemporânea.

Contextualizaremos, em um primeiro momento, o romance recém-publicado na vida de Simone de Beauvoir e na sua trajetória de forma mais geral. Em um segundo momento, nos interessaremos pela juventude de Simone de Beauvoir e de “Zaza”, para entender em que contexto histórico, social e político, ela começou a estudar a filosofia e, sobretudo, como esses estudos constituíram o primeiro marco da sua emancipação familiar. Para terminar, analisaremos como, no romance, Simone de Beauvoir estabelece um jogo de contrários entre ela e sua amiga, com a finalidade de interpretar as possibilidades da sua própria libertação do conservadorismo de sua origem.

As inseparáveis brutalmente afastadas: o contexto trágico de um romance biográfico

O manuscrito *As inseparáveis* foi redigido em 1954, mas só se encontrou publicado pela primeira vez em outubro de 2020, na França, por Sylvie Le Bon de Beauvoir, sua filha adotiva. Segundo relata, o livro não tinha vocação a ser publicado. No entanto, constitui, para a posteridade, um legado que justificou sua edição (BEAUVOIR, 2020). Nesse romance biográfico, a filósofa narra sua penetrante amizade com “Zaza”, Elisabeth Lacoïn, amiga de infância que marcou sua juventude. Foi, para a autora, uma figura de referência na sua construção de criança, como o comprovam as numerosas cartas trocadas entre as duas (LACOÏN, 2004).

Jovem intelectualmente brilhante, Zaza desaparece misteriosamente em 1929, aos vinte e um anos de idade, em circunstâncias sombrias. Essa morte brutal e prematura constituirá, para Simone de Beauvoir, um tormento para o resto de sua vida. O livro apresenta, nesse sentido, um caráter indubitavelmente terapêutico: trata-se de se despedir da amiga, entender o que ocorreu com seu destino, e também se perdoar por não ter conseguido intervir no seu adoecimento. A autora recorre, para isso, e como lhe é de costume, à forma romance, a qual combina elementos biográficos, crítica social e pensamento filosófico.

O texto de 1954 foi escrito, portanto, numa época em que o pensamento filosófico e feminista de Simone de Beauvoir já se encontrava maduro. Cronologicamente, foi redigido cinco anos após a maior obra filosófica da autora, *O Segundo Sexo* (BEAUVOIR [1945] 2019), cuja redação acabou em 1949, após cinco anos de pesquisa sobre o tema. Foi escrito também no mesmo ano que Simone de Beauvoir recebeu o prêmio Goncourt pelo seu romance *Les Mandarins*. Foi elaborado, ainda, alguns anos apenas antes de Simone de Beauvoir publicar seu primeiro livro de memórias, que se concentrava sobre a história da sua infância até a aquisição do seu diploma de filosofia (BEAUVOIR, [1958] 2017).

Mas o livro constitui muito mais do que uma terapia pessoal. Como é de se esperar com a pensadora, a pesquisa subjetiva está presente como ponto de partida para alcançar o terreno mais amplo da reflexão sobre o mundo social e a vida contemporânea (KAIL, 2006). Até então, o público conhecia o papel de Zaza na vida de Simone de Beauvoir graças às suas memórias de juventude, que se encerraram com a morte brutal da amiga. “Juntas nós tínhamos lutado contra um destino hostil, e pensei por muito tempo que tinha pago o preço da minha liberdade com sua morte” (BEAUVOIR, [1958] 2017), escreveu a autora para terminar sua autobiografia. À luz da redescoberta do romance hoje publicado, esse final e a dimensão de culpa que envolve a própria autora toma uma dimensão mais plena.

Através do destino trágico da amiga, Simone de Beauvoir oferece de fato um retrato da perda de sentido da vida das mulheres numa sociedade que as impede de existir por e para si próprias. Zaza não pode controlar sua própria vida, e se encontra presa ao universo social e familiar da elite francesa, penetrado pelos pensamentos irracionalistas e autoritários dos anos 1920 (HOBSBAWM, 1999), e dentro do qual as mulheres não são sujeitas de direito (PAVARD *et al*, 2020). Mas, se Simone nasceu nesse mesmo meio social, por que ela sobreviveu à opressão contra as mulheres, e Zaza não? Essa questão é subjacente ao conjunto do livro.

Uma mulher filósofa no início do século XX

Apesar desse ângulo adotado, alguns anos após a redação desse romance, em 1960, Simone de Beauvoir chegou a afirmar, de forma que poderia parecer contraditória, que nunca tinha sido importunada no seu percurso de vida pelo fato de ser ela mesma uma mulher. “Minha feminidade nunca foi um obstáculo” (BEAUVOIR [1960] 2018), anotou em suas memórias em 1960. Frase surpreendente que não deixou de provocar interrogações até hoje. Sabe-se, do mesmo modo, que a sua obra mais famosa, *O Segundo Sexo*, publicada em 1949, constituiu, na trajetória intelectual da filósofa, uma virada fundamental. “Sei hoje em dia que, para me descrever, preciso afirmar: «Sou uma mulher»” (BEAUVOIR, [1960] 2018), afirma a pensadora ao explorar e descobrir a história das mulheres no Ocidente.

Explicações de tal postura já mostraram que Simone de Beauvoir percebia de fato sua situação como prileviagada em relação à maioria das mulheres que não tinham tido acesso ao ensino superior, até então amplamente reservado à elite masculina do país (FRAISSE, 2008). Mulher diplomada, financeiramente autônoma, não casada e que se recusou a ter filhos, encontrou-se nas condições de se autorrepresentar como mais independente do que a maioria das mulheres da sua época – e com muito mais tempo livre para se dedicar inteiramente à sua obra intelectual.

No entanto, sabe-se, através dos seus próprios escritos, que suas facilidades de inserção profissional, bem com sua legitimidade dentro do meio intelectual ao qual

pertenceu, se deveram menos a uma sorte do que a um conjunto de circunstâncias históricas e familiares que se imbricaram. Sabe-se também que as escolhas de Simone de Beauvoir não foram tão imediatas, nem fáceis e sem sofrimento. Nesse sentido, o pesquisador precisa contornar o que o sociólogo Pierre Bourdieu problematizou como o perigo da “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1986), que considera a autobiografia dos intelectuais como plenamente correspondente à realidade vivida, subestimando o carácter narrativo e ficcional dos autorretratos. Um discurso autobiográfico tem de ser, portanto, confrontado com outros discursos sobre um mesmo fenómeno.

Dentre essas circunstâncias, cabe destacar um fato pouco comentado, mas de impacto direto sobre as possibilidades intelectuais de Simone de Beauvoir, e que cumpre um papel central no romance recém-publicado: a Revolução Russa de 1917. Ao abalar o mundo, o evento histórico afetou também o patrimônio da família De Beauvoir. Nascida, como Zaza, em uma família rica descendente da ex-aristocracia francesa, o seu pai, cuja fortuna já tinha sido atingida pelas crises econômicas do início do século, havia investido a maior parte do seu dinheiro nos bancos da Rússia Tzarista, perdendo-o após a Revolução de 1917.

Completamente arruinado, sem dote para poder casar suas filhas com homens do mesmo estatuto social, como era praxe na época, tomou a decisão, para garantir um futuro material para a suas duas filhas, de mandá-las estudar na universidade pública e, em seguida, buscar um trabalho. A sua desclassificação social provocou, em sequência, a ruptura com as convenções das famílias ricas tradicionais e ligadas à elite católica do país na época, segundo as quais as mulheres não deviam trabalhar, mas sim ter um papel de transmissoras do patrimônio familiar, de administradoras das suas casas e de representantes do seu meio nos encontros fora de casa (THÉBAUD, 2007; ROCHEFORT, 2007).

Simone de Beauvoir teve plena ciência da importância dessa virada no seu futuro, que aparece de novo no romance. “Muitas vezes eu me congratulava, egoistamente, que os bolcheviques e a maldade da vida tivessem arruinado o meu pai: eu precisava trabalhar e os problemas que atormentavam Zaza não me diziam respeito” (BEAUVOIR, 2020, p. 51), escreve sobre o tema. Mesmo diante da crise do sistema liberal do início do século XX, que atingiu toda a sociedade burguesa, a família de Zaza, por sua vez, não foi materialmente atingida. A partir de então, a família de Zaza passou a apoiar os pensamentos irracionalistas e autoritários, se refugiando cada vez mais nas ideias de extrema direita e nas convenções sociais e religiosas católicas mais rígidas, desconfiadas e intolerantes diante dos que pensavam diferente (BONNET, 2021). O pai de Simone de Beauvoir, no entanto, se mostrou mais liberal e distanciado dessa nova tendência, sem deixar de ser ao mesmo tempo um homem relativamente conservador.

Outro acontecimento crucial se somou a essa abertura para Simone de Beauvoir. Uma carreira de professora para uma mulher de classe média, e às vezes de classe alta, tinha se tornado, à época, algo não apenas legalmente possível, mas bastante frequente e

economicamente viável. Desde 1924, uma reforma do ensino igualara os diplomas femininos aos masculinos, até então desvalorizados e sinônimo de baixos salários. Tal situação facilitou a escolha de Simone de Beauvoir, legitimando suas decisões (BONNET, 2019).

No entanto, se o ensino superior público tinha se tornado relativamente mais fácil e legitimado pelas mulheres de classe média e alta, o acesso das mulheres ao ensino superior em filosofia, nos anos 1920, era fonte de profundas tensões. De fato, nele se encontrava cristalizado um divisor de águas entre duas elites opostas no país, entre os liberais republicanos laicos e os antirrepublicanos católicos. Mais ainda, a filosofia era considerada como a disciplina escolar a mais masculina, reservada aos espíritos os mais viris e racionais, capazes de seguir raciocínios difíceis e profundos (BONNET, 2020). Simone de Beauvoir contou o quanto a escolha de estudar a filosofia era, naquela época, precursora. “Eu quis ser uma dessas pioneiras” (BEAUVOIR, [1958] 2017), relatou com orgulho.

É nesse contexto que a própria mãe de Simone de Beauvoir, ardorosamente católica e antirrepublicana, tentou impedir a filha de estudar filosofia numa universidade pública, temendo pela sua saúde mental e pelo seu futuro como esposa e mãe. O pai, no entanto, já vivendo uma queda de sua condição de classe e distante das correntes católicas mais radicais, por reconhecer na filha o que chamou de “um cérebro de homem”, apoiou a sua decisão sem briga, encerrando assim a polêmica familiar. A autorização do chefe de família constituiu, portanto, um passo fundamental no caminho intelectual de Simone de Beauvoir.

Em uma época em que ainda poucas mulheres estudavam a filosofia na França, considerada como o saber o mais importante na hierarquia das ciências humanas, cabe destacar que Simone de Beauvoir realizou o grande primeiro desafio da sua vida com o apoio do pai.

O sentido social e filosófico da morte de Zaza

É exatamente nessas tensões dos anos 1920, acima expostas, que o romance de Simone de Beauvoir encontra seu contexto mais imediato e seu pleno sentido. São também essas circunstâncias descritas que permitem entender plenamente a vida de Zaza detalhada no romance e, junto a ela, parte do sofrimento de Simone de Beauvoir ao ver a sua amiga sendo sufocada. Mais ainda, encontra-se o maior desafio para a filósofa: interpretar a morte de Zaza no seu sentido social, e não meramente individual, localizando-a como uma vítima da violência exercida contra as mulheres na sociedade burguesa, da qual a jovem não pôde escapar.

Cabe sublinhar enquanto a isso que o romance é estruturado em torno de dois polos contrários, cada um incarnado por uma personagem. Simone (Sylvie no romance)

é apresentada como o contrário de Zaza (Andrée no romance). Crianças, Sylvie pouco se atreve a ultrapassar as regras impostas a uma menina bem-comportada, enquanto Zaza é insolente, questiona a autoridade e as tradições religiosas católicas. Apresenta um comportamento considerado masculino ao questionar as autoridades. Tal apresentação corresponde a outros relatos da filósofa, vindo indicar a fidelidade aos acontecimentos (DEVAUX, 2010).

Criança e adolescente, Simone admira profundamente Zaza por sua independência de espírito. Simone, jovem moça bem-comportada, faz de Zaza seu grande exemplo, que busca seguir. Torna-se mais revoltada, vive graves crises interiores, principalmente religiosas. Toma a decisão de não seguir o catolicismo, no qual não acredita mais. Ao mesmo tempo, o comportamento do seu pai lhe abre novos horizontes, ao preparar seu diploma em filosofia e o concurso da *agrégation* para tornar-se professora de filosofia – isto é, funcionária pública. O encontro com o grupo de homens estudantes de filosofia da Sorbonne, dentre os quais o jovem Jean-Paul Sartre, lhe abrirá novas portas. Seus cadernos de estudo filosófico, redigidos entre 1926 e 1930, testemunham sua dedicação, sua verdadeira paixão pelos estudos (BEAUVOIR, 2008). Um mundo cultural se abre naquela época.

Enquanto Simone rompe progressivamente com o seu meio social de origem, ganha independência financeira e se realiza na filosofia, Zaza se encontra, quanto a ela, cada vez mais presa ao universo social e familiar da elite francesa, tão convencional e hostil a qualquer cultura que não seja a já contida no seu círculo familiar. Suas cartas relatam sua solidão e as diversas proibições e punições por parte dos seus pais, que não aceitam que Zaza pense por si própria (LACOIN, 2004). Brilhante escritora, excelente estudante de letras na Sorbonne, ao contrário de Simone, quase nunca consegue escapar das tarefas familiares para poder estudar: cuidar dos seus irmãos e receber os convidados da família socialmente bem reputada tomam todo seu tempo.

Além disso, muitos livros, conversas, amizades e aulas, por serem considerados como fontes de impureza, são proibidos pela própria mãe, e essa censura é descrita com atenção no romance. A filósofa toca aqui num tema privilegiado da literatura feminista da primeira parte do século XX, presente na obra de uma pensadora como Virginia Woolf (WOOLF, [1929] 2019). Zaza não tem privacidade autorizada, nem espaço próprio para se resguardar. Seu tempo inteiro e seus pensamentos se encontram controlados pela sua mãe, que a obriga, ademais, a revelar todas as suas reflexões, sob ameaça de a jovem estar em pecado.

Qualquer possibilidade de autonomia de pensamento é seguida por uma punição. “Para ser perdoada por seus estudos, suas leituras e nossa amizade, ela se empenhava em cumprir de maneira irrepreensível o que Madame Gallard chamava de seus deveres sociais” (2020, p. 52-53). Zaza precisa compensar sua revolta, até passar a interiorizar um sentimento de culpa muito grande. Aos vinte anos, o controle sobre a sua própria vida é completamente ausente. Os pais a proibem de ver sua amiga Simone, mas também de

casar com o seu grande amor, o filósofo Maurice Merleau-Ponty. Ela recebe ameaças constantes de dever entrar no convento ou de ser casada com um homem desconhecido, mas amigo dos pais.

No mesmo período, em 1929, Simone de Beauvoir, por sua vez, continua à procura de outras saídas. Afasta-se do seu meio familiar conservador, rompe explicitamente com a religião católica, passa no concurso do ensino de filosofia e conquista sua independência financeira, passando a viver, sozinha, num pequeno quarto em Paris.

Mais para a frente, essa independência material e de espírito se afirmará com toda sua grandeza na sua obra *O Segundo Sexo*. Longe de seu meio antirrepublicano e anticomunista e ainda com traços patriarcais muito marcados, Simone de Beauvoir herda, pela sua formação como filósofa e pelo ambiente intelectual da sua época, dos pensadores da modernidade Hegel e Marx (KAIL, 2006). São esses dois, principalmente, que impulsionam a introdução da história na sua reflexão filosófica sobre a questão dos sexos, e o processo de desnaturalização das relações de gênero. Sobre esse fato, não é por acaso que a filósofa termina sua maior obra recorrendo explicitamente a Karl Marx, resgatando a ideia de que a dominação do homem sobre a mulher é expressão da sua própria degradação como ser humano. Com essa abordagem, rompe, como até então nenhuma filósofa francesa do seu meio o havia feito, com o princípio da eternidade das essências das categorias de feminino e de masculino (GALSTER, 2007). Com esse passo, rompe de vez com toda forma de essencialismo.

No caminho contrário, Zaza começa a adoecer de uma forma inexplicada até, um dia, de forma muito rápida, não acordar mais, sem que Simone de Beauvoir tivesse tempo de se despedir. “Andrée morreu afogada por essa brancura” (BEAUVOIR, 2020, p. 92), escreve a filósofa, sublinhando a hipocrisia na qual, ao se falar de moral e de dever das mulheres, obrigaram, na verdade, a sua amiga a abandonar-se. O encontro consigo própria só chegou a se realizar na morte. Amiga real, lembrança do passado e personagem literário trágico, a trajetória de Zaza se torna a alegoria da agonia das mulheres pela sociedade burguesa. Parte da decisão de Simone de Beauvoir de continuar seu projeto intelectual encontrará esse combate como justificativa. A filósofa nunca mais deixará de contestar essa ordem e de imbricar teoria e prática.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem-comportada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1958] 2017.

BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1960] 2018.

BEAUVOIR, Simone de. *Cahiers de jeunesse: 1926-1930*, Paris: Gallimard, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, Simone de. *Les inséparables*. Paris: L'Herne, 2020.

BONNET, Annabelle. Obtenir l'égalité philosophique. L'accès des femmes à la philosophie en France (1868-1918). *Orbis Linguarum*, Wrocław, v. 53/20, p. 209-218, 2020.

BONNET, Annabelle. Léontine Zanta, philosophe et romancière. Notes sur le parcours d'une pionnière. *Cahiers d'études italiennes*, Dossier Femmes aux multiples talents: entre littérature et d'autres pratiques intellectuelles et artistiques., v. 32, p. 1, 2020.

BONNET, Annabelle. *Léontine Zanta. Histoire oubliée de la première française docteure en philosophie*. Paris: L'Harmattan, 2021.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 62-63, p. 69-72, 1986.

CHAPERON, Sylvie. *Les années Beauvoir (1945-1970)*. Paris: Fayard, 2000.

DEVAUX, Philippe. L'amitié entre Simone de Beauvoir et Zaza d'après les Cahiers de jeunesse de Simone de Beauvoir, *Simone de Beauvoir Studies*, vol. 29, p. 84-94, 2013-2014.

FRAISSE, Geneviève. *Le Privilège de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 2018.

GALSTER, Ingrid (coord.). *Le Deuxième Sexe de Simone de Beauvoir*. Paris: Presses de l'Université Paris-Sorbonne, 2004.

GUARESI, Magali *et al.* Les Réceptions contemporaines de l'œuvre de Simone de Beauvoir en Méditerranée (France, Italie, Espagne, Israël-1949/2019). *Sens Public. Simone de Beauvoir. Réceptions contemporaines*, vol. 3/4, p.1-10, 2019.

HOBBSAWM, Éric. *L'âge des extrêmes : Le court XX^{ème} siècle, 1914-1991*, Paris : Complexe, 1999.

KAIL, Michel. *Simone de Beauvoir philosophe*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

LACONIN, Elisabeth. *Zaza amie de Simone de Beauvoir 1907-1929 - Correspondance et carnets de Elisabeth Lacoïn*, Paris : L'Harmattan, 2004.

LE DOEUFF, Michèle. *L'Étude et le Rouet*, Paris: Seuil, 1989.

NEVES, Victor. *Democracia e socialismo: Carlos Nelson Coutinho em seu tempo*, Lutas Anticapital, 2019.

PAVARD, Bibia *et al.* *Ne nous libérez pas, on s'en charge. Une histoire des féminismes de 1789 à nos jours*. Paris: La Découverte, 2020.

ROCHEFORT, Florence. *Le pouvoir du genre : laïcités et religions, 1905-2005*, Toulouse: Presses universitaires du Mirail, 2007.

THÉBAUD, Françoise. *Écrire l'histoire des femmes et du genre*. Paris: ENS Éditions, 2007.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.